



## The body in the pedagogical philosophy of Ramon Llull (1232-1316)

### O corpo na filosofia pedagógica de Ramon Llull (1232-1316)

Fabricia dos Santos GIUBERTI<sup>1</sup>

**Resumo:** Ramon Llull (1232-1316) em sua obra *Doutrina para Crianças* (c. 1274-1276) ensina a seu filho Domingos que o corpo humano é composto de quatro elementos, ideia herdada da medicina grega, e que tais elementos corrompem o corpo do homem. Existem cinco sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato. Através deles, o homem participa das coisas externas. Para o maiorquino, a vida corporal é a atualidade pela qual vive o corpo, e a vida espiritual é amar a Deus. A partir desses princípios, Llull ensina ao filho que ele deve amar a vida corporal e a saúde pois, através da saúde, a alma e o corpo se convêm, e o homem vive por conveniência. A proposta desse trabalho é apresentar a concepção de Ramon Llull sobre o corpo exposta na *Doutrina para crianças*, conjugada metodologicamente com a perspectiva histórica de Jacques Le Goff e Nicholas Truong na obra *Uma história do corpo na Idade Média*.

**Abstrat:** Ramon Llull (1232-1316) in his work *Doctrine for Children* (c. 1274-1276) teaches his son Dominic that the human body is composed of four elements, an idea inherited from Greek medicine, and that such elements corrupt the man's body. There are five senses: sight, hearing, smell, taste and touch. Through them, the man participates in external things. For the Mallorcan, bodily life is the actuality by which the body lives, and the spiritual life is to love God. From these principles, Llull teaches the child that he must love the bodily life and health because, through health, the soul and the body are convenient to each other, and the man lives by convenience. The purpose of this paper is to present the conception of Ramon Llull about the body as

---

<sup>1</sup> Doutoranda do programa “Transferencias Interculturales e Históricas en la Europa Medieval Mediterránea” do Institut Superior d'Investigació Cooperativa IVITRA [ISIC-2012-022] da Universitat d'Alacant (UA), Espanha. Orientadores: Profs. Drs. Vicent Martines e Ricardo da Costa (UFES). E-mail: [fagiuberti@gmail.com](mailto:fagiuberti@gmail.com)



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ* 4 (2015/1).

*Virtudes e Princípios no Cuidado com a Saúde*

*Virtues and Principles in Healthcare*

*Virtudes y Principios en la Atención Médica*

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

exposed on *Doctrine for Children*, methodologically combined with the historical perspective of Jacques Le Goff and Nicholas Truong in the work *A History of the Body in the Middle Ages*.

**Palavras- chave:** Ramon Llull – Corpo – Doutrina para crianças – História da Medicina.

**Keywords:** Ramon Llull - Body - Doctrine for Children - History of Medicine.

RECEBIDO: 31.03.2014

APROVADO: 28.06.2014

\*\*\*

## Introdução

A proposta deste artigo é apresentar a concepção de Ramon Llull (1232-1316) sobre o corpo exposta na Doutrina para Crianças (c.1274-1276), conjugada com a perspectiva histórica de Jacques Le Goff e Nicholas Truong na obra “Uma história do corpo na Idade Média”, um importante estudo sobre a figura do corpo na sociedade medieval. Contudo para se compreender a visão do corpo dessa época faz-se necessário analisar, mesmo que brevemente, o seu contexto histórico.



O corpo é um tema esquecido pela historiografia<sup>2</sup>, portanto é ainda uma história em gestação. “A história tradicional era, de fato, desencarnada”.

Interessava-se pelos homens e, posteriormente pelas mulheres. Mas na maioria das vezes, sem corpo.<sup>3</sup> Como se a vida do corpo se situasse fora do tempo e do espaço [...]. Portanto, seria preciso dar corpo à história. E dar uma história ao corpo.<sup>4</sup> Pois o seu esquecimento, enquanto objeto de pesquisa, constitui, como bem afirmou Le Goff, uma das grandes lacunas da história.

Embora o corpo possua uma história, sua concepção, seu lugar na sociedade, sua presença no imaginário, na realidade, na vida cotidiana e nos momentos excepcionais, sofreu modificações em todas as sociedades históricas.<sup>5</sup> “Desse modo, a história do corpo na Idade Média é uma parte essencial da sua história global”<sup>6</sup> e ademais, inevitável para que se compreenda adequadamente a sociedade vigente.

## I- O Corpo e a Alma

Mesmo tratando-se de um tema pouco estudado, cabe-nos indagar: como o corpo foi pensado e visualizado na Idade Média? O que foi, portanto, o corpo para aquela sociedade do Ocidente medieval?

---

<sup>2</sup> LE GOFF, Jacques & TRUONG, Nicolas. *Uma História do corpo na Idade Média*. Lisboa: Teorema, 2003, p. 5.

<sup>3</sup> *Ibid.*

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 6.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 7

<sup>6</sup> *Ibid.*



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ* 4 (2015/1).

*Virtudes e Princípios no Cuidado com a Saúde*

*Virtues and Principles in Healthcare*

*Virtudes y Princípios en la Atención Médica*

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

O corpo<sup>7</sup> foi e continua sendo a mais explícita metáfora do humano. Desde muito tempo possui variadas significações entre os povos. Na Idade Média em especial, o corpo que fora fruto de benção e de glorificação cede lugar à sombra do pecado e da culpa, portanto passa a ser desprezado, condenado e humilhado. O corpo torna-se um peso e a penitência corporal tornar-se-á o principal veículo para a salvação. O papa São Gregório Magno qualificou o corpo de “abominável vestimenta da alma”<sup>8</sup> Essa diferença de representação do corpo contrapõe-se a tradição bíblica milenar, que tem no corpo glorificado e, na Encarnação de Jesus, a redenção da humanidade. Com o cristianismo houve uma reestruturação nos conceitos e nas práticas corporais.

[...] O que estava em jogo era uma mudança sutil na percepção do próprio corpo. Os homens e mulheres dos séculos subseqüentes não apenas foram cercados por um conjunto diferente e mais rigoroso de proibições. Passaram também a ver seus próprios corpos sob um prisma diferente.<sup>9</sup>

O desprezo pelas coisas do mundo e pelo corpo tornar-se-ão latentes nesse período.

Influenciado por esse contexto, Ramon Llull ensina seu filho Domingos que a vida corporal é a atualidade pela qual vive o corpo, e a vida espiritual é amar a Deus. Portanto, era aconselhável amar a vida corporal, a saúde e afastar-se dos

---

<sup>7</sup> Para os hebreus tem o significado de carne (*basar, she'er*) no sentido próprio da palavra e no Novo Testamento mencionam a “carne” (*sarx*) como corpo físico ou apenas “corpo” (*sōma*). C.f. HORTON, Stanley M. *Teologia Sistemática*. 1ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 246.

<sup>8</sup> LE GOFF & TRUONG. *Op. cit.* 2012, p. 7.

<sup>9</sup> BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade: o Homem, a Mulher e a Renúncia Sexual no Início do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. p. 35.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ* 4 (2015/1).

*Virtudes e Princípios no Cuidado com a Saúde*

*Virtues and Principles in Healthcare*

*Virtudes y Princípios en la Atención Médica*

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

vícios pois, os tais poderiam levar o homem a condenação da morte infernal. Mais ainda, que o corpo é formado de quatro elementos, e que os mesmos são corruptíveis no corpo do homem, pois o corpo é corruptível. Portanto, para sustentar o corpo, convém que o homem coma, beba, durma e descanse, para ajustar-se a concordância e a contrariedade dos elementos. Além disso, existe no corpo cinco sentidos: visão, audição, olfato, paladar e tato, e através desses cinco sentidos o homem participa das coisas externas, sem as quais não poderia se sustentar. De acordo com Llull existia três caminhos - para significar as duas vidas: a corporal e a espiritual - o inferior, o médio e o soberano - O caminho inferior é de pecado, o médio é a vida ativa e o soberano é a vida contemplativa. Vê-se assim que, o homem medieval, preocupava-se muito com a salvação de sua alma e, sob influência da Igreja, renunciava a seus bens materiais e aos prazeres terrenos, pois acreditava que desse modo, garantiria a sua vida no paraíso depois da morte do corpo na Terra.

Vida corporal és actualitat per la qual viu lo cos, i vida espiritual és amar Déu. On, si tu, fill, ames vida corporal, ama sanitat, car per sanitat l'ànima i el cos se convenen, per la qual conviniència viu l'hom; i si ames vida espiritual, ama i tem Déu, car per amar i tembre Déu viu l'anima en virtuts i esquiva los vicis i els pecats qui són ocasió d'infernall mort.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> RAIMVNDI LVLLI OPERA LATINA 7-9. *Annis 1274-1276 composita* (ed. Jaume MEDINA). Turnhout: Brepols Publishers, 2009, p. 466.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 4* (2015/1).  
*Virtudes e Princípios no Cuidado com a Saúde*  
*Virtues and Principles in Healthcare*  
*Virtudes y Princípios en la Atención Médica*

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

A vida corporal é a atualidade pela qual vive o corpo, e a vida espiritual é amar a Deus. Assim, se tu, filho, amas a vida corporal, ama a saúde, pois através da saúde, a alma e o corpo se convêm, e o homem vive por causa da conveniência. E se amas a vida espiritual, ama e teme a Deus, pois através do amor e do temor a Deus, a alma vive em virtudes e se esquivava dos vícios e dos pecados, que são a ocasião da morte infernal.<sup>11</sup>

Nota-se que a “dinâmica da sociedade e da civilização medievais resulta de tensões”. São tensões das mais variadas: tensão entre Deus e o homem, tensão entre o homem e a mulher, [...] tensão entre razão e fé [...]. Mas uma das principais tensões do período é aquela entre o corpo e a alma<sup>12</sup>.

“As palavras *corpus* e *anima* são citadas sem cessar nos textos medievais, em relação e, em geral, em oposição uma à outra”<sup>13</sup>. O corpo torna-se o coração e o verdadeiro paradoxo da sociedade medieval<sup>14</sup>, visto que ora é glorificado e ora é repudiado. Essa repressão se dá em virtude do espaço central que ele adquire no imaginário e na própria realidade medieval. Outrossim, o corpo era

---

<sup>11</sup> RAMON LLULL. *Doutrina para Crianças* (Tradução de Ricardo da Costa e Grupo de Pesquisas Medievais da UFES III). Alicante: IVITRA, 2010, p.75.

<sup>12</sup> LE GOFF & TRUONG, *Op.cit.*

<sup>13</sup> SCHMITT, Jean-Claude. “Corpo e alma”. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval I*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002, p. 253-267.

<sup>14</sup> LE GOFF & TRUONG. *Op.cit.*, p. 26.



considerado a prisão e o veneno da alma, principalmente no ideal ascético, cujo desprezo pelo mundo no meio monástico, nada mais era do que o desprezo pelo próprio corpo.

Entretanto, para a mentalidade medieval cada homem é composto de um corpo material e mortal, fonte de lascívia e de tentações, e de uma alma imaterial e imortal<sup>15</sup> que necessita ser preservadas das “abominações” do corpo. Mas não é a Idade Média que distingue a alma do corpo<sup>16</sup>, é a razão clássica do Séc. XVII. Alimentada tanto pelas concepções de Platão - segundo as quais a alma preexiste ao corpo - como pelas teses de Aristóteles segundo o qual a alma é a forma do corpo<sup>17</sup>. Ambos - corpo e alma - são indissociáveis resume Jean-Claude Schmitt<sup>18</sup>. Ele é o exterior (*foris*), ela é o interior (*intus*) e se comunicam por toda uma rede de influências e de sinais. E é no interior deste corpo que se situa uma batalha de proporções importantíssimas para os homens e mulheres medievais. Ele é o templo do Espírito Santo, o qual vivificará os corpos que ao mesmo tempo em que são seus templos<sup>19</sup>, são os agentes externalizadores da

---

<sup>15</sup> LE GOFF & TRUONG. *Op. cit.*, p. 30.

<sup>16</sup> O conceito de corpo foi tratado de diversos pontos de vista, mas, na maior parte dos casos, referiam-se ao que parece como um modo da extensão. Para Aristóteles, o corpo é uma realidade delimitada por uma superfície; o corpo tem, pois efetivamente extensão: é um espaço e, na medida em que for algo, uma substância. As discussões em torno da noção de corpo, referiam-se quase sempre à penetração ou não do corpo por uma forma: enquanto Aristóteles se inclina a supor que há inevitavelmente em toda a corporidade uma formação, algumas correntes, como a platônica, tendem, em contrapartida, a considerar o corpo como o sepulcro da alma e, por conseguinte, a alma não está nele como um elemento informador, mas como um prisioneiro. MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Publicação Dom Quixote, 1978, p. 56/7.

<sup>17</sup> LE GOFF & TRUONG. *Op. cit.*

<sup>18</sup> SCHMITT. *Op. cit.*

<sup>19</sup> “E se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também a vossos corpos mortais, mediante o seu espírito que habita em vós.” Rm 8,11. Cf.: BÍBLIA DE JERUSALÉM.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 4* (2015/1).

*Virtudes e Princípios no Cuidado com a Saúde*

*Virtues and Principles in Healthcare*

*Virtudes y Principios en la Atención Médica*

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

desordem sexual característica da corrupção humana permanente desde a Queda<sup>20</sup>. As partes, as necessidades e os movimentos naturais desse corpo, serão cada vez mais levados em conta no Séc. XIII, ao ponto de tornarem-se objeto de observação empírica e de ciência.<sup>21</sup>

## II- O Corpo e a Vida Corporal

Como vimos, a Idade Média fora a época da grande renúncia do corpo. Além disso, o seu culto, presente sobretudo, na Antiguidade, dará lugar a uma derrocada do corpo na vida social.<sup>22</sup> Tudo o que estava ligado, direta ou indiretamente ao corpo, era amplamente reprimido. Igualmente importante, foram os “tabus” construídos pela instituição religiosa. Demonstravam, por exemplo, verdadeira aversão aos chamados fluidos corporais, sobretudo o esperma e o sangue, estes eram considerados como sendo o ápice da depreciação corporal. No pensamento tardo-antigo a sexualidade fora um importante mecanismo disciplinador para o exercício de uma ordem instituída pelo Cristianismo<sup>23</sup>. Observa-se que o desprezo pelo mundo, era antes de tudo um desprezo pelo corpo.

---

Tradução da Vulgata de Jerônimo, 347-419 d.C. São Paulo: Paulus, 2002. p. 1979. Também Cf. referência de número 13.

<sup>20</sup> “[...] a noção agostiniana da corrupção permanente da natureza humana desde a Queda estava intimamente ligada à sua convicção de que essa corrupção era explicitada por uma desordem permanente do anseio sexual”. BROWN, Peter, op. cit., p. 338.

<sup>21</sup> SCHMITT. *Op. cit.*, p. 254

<sup>22</sup> LE GOFF & TRUONG. *Op.cit.*, p. 31.

<sup>23</sup> BROWN, Peter, *Op. cit.*



O medo também era algo recorrente nesse período, ademais numa sociedade exposta aos caprichos da natureza, a vida corria muito risco. Fala-se muito das epidemias da Idade Média e em especial da peste negra que no Séc. XIV, dizimou cerca de 25% da população europeia, esta juntamente com a lepra “doença do século”, desenhava um cenário de horror e devastação.<sup>24</sup> Nesse mundo sujeito a toda espécie de epidemias, os milagres dos santos tornavam-se cada vez mais recorrentes, como uma fonte de cura para tais enfermidades.

A igreja, no entanto, vai combater com veemência os curandeiros mágicos do paganismo<sup>25</sup>. E os homens da Idade Média recorrerão a um outro médico além de Cristo. Pouco a pouco, os médicos da alma- os padres- se distinguirão daqueles do corpo- os médicos físicos- estes tornar-se-ão ao mesmo tempo sábios e profissionais, assim como em uma corporação de ofício. Surgem escolas de medicina, que serão no medievo, baseadas nos estudos do médico grego Galeno<sup>26</sup> (131-201 d.C), bem como universidades em que homens se formam em uma ciência que é considerada, sem sombra de dúvidas, um dom de Deus e um privilegiado ofício<sup>27</sup>.

Os santos, bispos e clérigos também eram vistos como médicos, e os médicos de ofício eram então considerados como meros assistentes terapêuticos. A

---

<sup>24</sup> LE GOFF & TRUONG. *Op.cit.*, p. 90.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 96.

<sup>26</sup> Cláudio Galeno ou Élio Galeno, em latim Claudius Galenus e grego Κλαύδιος Γαληνός, (Pérgamo, c. 129 - provavelmente Sicília, ca. 217), mais conhecido como Galeno de Pérgamo foi um proeminente médico e filósofo romano de origem grega, e provavelmente o mais talentoso médico investigativo do período romano. Suas teorias dominaram e influenciaram a ciência médica ocidental por mais de um milênio. Não há uma precisão quanto ao ano de nascimento e de morte de Galeno, temos por conseguinte apenas aproximações.

<sup>27</sup> *Ibid.*, p. 98.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ* 4 (2015/1).

*Virtudes e Princípios no Cuidado com a Saúde*

*Virtues and Principles in Healthcare*

*Virtudes y Principios en la Atención Médica*

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

medicina carnal fora substituída pela medicina espiritual<sup>28</sup>. As tensões da Idade Média, como já citamos, não se limitavam apenas às questões corporais, mas estavam, inevitavelmente, ligadas à questões espirituais. Uma vez que era preciso cuidar do corpo para se obter a salvação, o recurso ao milagre tornar-se-á indispensável.

Não se pode negar, que a medicina medieval nos trouxe importantes inovações técnicas. Além disso, é interessante ressaltarmos, por exemplo, o desenvolvimento dos hospitais, que estão relacionados sobretudo a dois valores cardeais, que são a caridade (*caritas*) e a enfermidade (*infirmas*)<sup>29</sup>. Outro ponto de relevância, à questão da saúde, é a dissecação do corpo humano, que fora por muito tempo retardada devido ao respeito que se tinha pelo mesmo. Essa prática fundamental para o desenvolvimento da medicina científica, se tornaria regular por volta do Séc. XIII em Borgonha, aproximadamente no ano de 1340. Faz-se necessário ressaltar ainda, que a Igreja não proibia essa prática, apenas condenava a violação de sepulturas e furtos de cadáveres.

### III- Conclusão

Por tudo exposto até aqui, vimos que na Idade Média, a metáfora do corpo, fora inúmeras vezes utilizada. Tanto para legitimar, como para consolidar a ideia de instituição hierarquizada. A igreja, por exemplo, era vista como uma comunidade associada a um corpo espiritual, cujo cabeça era Cristo, as cidades formavam um “corpo civil”, e as universidades um “corpo docente de mérito e prestígio”.

---

<sup>28</sup> *Ibid.*, p. 101-02.

<sup>29</sup> *Ibid.*, p. 103-04.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ* 4 (2015/1).

*Virtudes e Princípios no Cuidado com a Saúde*

*Virtues and Principles in Healthcare*

*Virtudes y Princípios en la Atención Médica*

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

Pouco a pouco, os filósofos e cientistas medievais associaram a imagem do corpo social, fruto da política, a um corpo biológico, fruto de uma evolução. O corpo em todo tempo e momento histórico, é anunciador de símbolos e valores e revela-se como um tema rico e complexo, ou seja, um universo a ser descoberto. Vetor do vício e do pecado original, o corpo também é visto como vetor de salvação. “O Verbo se fez carne” (Jo 1:14).

Como bem sintetizaram Le Goff e Struong, o corpo é a “sede da metamorfose dos novos tempos [...] e o percurso pela história do corpo na Idade Média pode permitir compreender um pouco melhor o nosso tempo, tanto nas suas convergências flagrantes, como nas suas irreduzíveis divergências<sup>30</sup>”. Haja vista, que o corpo por si mesmo dialoga com as outras ciências. Por outro lado, o senso-comum com uma visão deturpada do medievo costuma afirmar que nessa época o descuido com o corpo e com a saúde corporal eram os responsáveis pelas mazelas que assolaram o Ocidente Medieval. Nada mais contraditório do que essa afirmação, pois vimos exatamente o seu oposto. O cuidado com o corpo era visto como um importante princípio, pois somente o corpo do homem virtuoso, ascenderia aos Céus.

Na Idade Média o trato com o corpo e com a saúde corporal foram as principais preocupações desse homem que era o sustentáculo de uma sociedade tripartida<sup>31</sup>: Os *laboratores* (os que trabalham) deveriam estar plenos de saúde

---

<sup>30</sup> LE GOFF & TRUONG. *Op.cit.*, p. 27.

<sup>31</sup> FRANCO JR, Hilário. *O Feudalismo*. São Paulo: Brasiliense. 1983 (coleção: tudo é História), p. 57.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ 4* (2015/1).

*Virtudes e Princípios no Cuidado com a Saúde*

*Virtues and Principles in Healthcare*

*Virtudes y Princípios en la Atención Médica*

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

para suportarem os dias fatigantes no campo; os *bellatores* (os que guerreiam) precisavam de toda força e robustez para participarem dos combates e os *oratores* (os que oram) preocupados com a salvação de suas almas, passaram a glorificar o corpo antes renegado.

O corpo será, portanto, institucionalizado pelo Cristianismo, tornando-se assim o tabernáculo do Espírito Santo, logo tudo o que pudesse contaminá-lo seria visto como causa de sua perdição. O homem passa a preservar não só a saúde do corpo físico, como também a saúde do “corpo espiritual”. Esse corpo antes luxurioso e veículo do pecado, tornar-se-á santificado e veículo de salvação. Posto isto, há de concordarmos com Le Goff quando disse: “A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado, por isso é preciso compreender o passado pelo presente”.

\*\*\*

## Fonte

RAIMVNDI LVLLI OPERA LATINA 7-9. *Annis 1274-1276 composita* (ed. Jaume MEDINA). Turnboul: Brepols Publishers, 2009.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução da Vulgata de Jerônimo, 347-419 d.C. São Paulo: Paulus, 2002.

## Bibliografia

BROWN, Peter. *Corpo e Sociedade: o Homem, a Mulher e a Renúncia Sexual no Início do Cristianismo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

FRANCO JR, Hilário. *O Feudalismo*. São Paulo: Brasiliense. 1983 (coleção: tudo é História).



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). **Mirabilia Medicinæ 4** (2015/1).  
*Virtudes e Princípios no Cuidado com a Saúde*  
*Virtues and Principles in Healthcare*  
*Virtudes y Princípios en la Atención Médica*

Jan-Jun 2015/ISSN 1676-5818

HORTON, Stanley M. *Teologia Sistemática*. 1ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

LE GOFF, Jacques & TRUONG, Nicolas. *Uma História do corpo na Idade Média*. Lisboa: Teorema, 2003.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Publicação Dom Quixote, 1978.

RAMON LLULL. *Doctrina para Crianças*. Tradução de Ricardo da Costa e Grupo de Pesquisas Medievais da UFES III). Alicante: IVITRA, 2010.

SCHMITT, Jean-Claude. “Corpo e alma”. In: LE GOFF, Jacques, SCHMITT, Jean Claude (coord.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval I*. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.